ISSN - 1415-000X
eISSN - 2317-5427 | PPGS - UFPE

Submetido em: 21-06-2024
Aceito em: 22-06-2024
DOI: 10.51359/2317-5427.2024.263420

ESTUDOS DE SOCIOLOGIA REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFPE

CRISE DO CUIDADO, CRISE DA REPRODUÇÃO SOCIAL, CRISE DO CAPITALISMO?

Care crisis, crisis of social reproduction, crisis of capitalism?

Anna Bárbara Araujo[*]
Cecy Bezerra de Melo[*]
Marcele de Morais[*]

> *As metodologias feministas nos impelem a explorar conexões que nem sempre são aparentes. E nos impulsionam a explorar contradições e descobrir o que há de produtivo nelas. O feminismo insiste em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une coisas que parecem ser separadas e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas.*
>
> *(Davis, Angela; 2018, p. 99)*

O título deste dossiê busca elucidar a pluralidade constitutiva dos modos de pensar as crises. Ao colocarmos o ponto de interrogação após os termos crise do cuidado, crise da reprodução social e crise do capitalismo, buscamos ilustrar que estes termos, mais do que autoevidentes e com significados estanques e bem definidos, estão, ao contrário, sendo alvo de disputas e múltiplas interpretações, especialmente no que se refere ao entendimento de suas causas, delineamentos e consequências para a vida social. Antes de tudo, é preciso oferecer uma definição provisória de cuidado e reprodução social. Embora muitas vezes sejam usados como termos intercambiáveis, os conceitos carregam bagagens teóricas diversas. Cuidado é um termo polissêmico e conta com várias acepções a depender de quem o mobiliza (Araujo, 2018). De maneira sintética, podemos dizer que a partir dos anos 1980, a literatura acadêmica feminista sobre cuidado ganha força, destacando a

[*]Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma instituição. Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. Doutora e Mestra em Sociologia e Antropologia (PPGSA) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o Laboratório de Pesquisas sobre Interseccionalidades e Saúde (LIS/UFRN). E-mail: annabarbaraarujo@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2792-9931.
[*]Universidade Federal de Pernambuco. Doutoranda em Sociologia (PPGS/UFPE). Bacharela em Ciências Sociais e Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. É integrante do Grupo de Estudos em Teoria Social e Subjetividades (GETSS/UFPE). E-mail: cecydemelo@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7673-5271.
[*]Universidade Federal de Pernambuco. Doutoranda em Sociologia (PPGS/UFPE). Bacharela em Ciências Sociais e Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. É integrante do Grupo de Estudos em Teoria Social e Subjetividades (GETSS/UFPE). E-mail: marcelemoraissilva@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2128-4220.

interdependência dos indivíduos e como é necessário um trabalho muitas vezes invisível para que as sociedades e as pessoas se mantenham. No nível das interações, o cuidado envolve suporte físico, emocional e serviços pessoais (Glenn, 2000). Já a reprodução social se origina das discussões do feminismo marxista nos anos 1970. Essa perspectiva busca visibilizar a reprodução da força de trabalho, que se dá por meio do trabalho doméstico e de cuidado, como um processo fundamental para o capitalismo e para o lucro (Bhattacharya, 2017). Assim, enquanto, a princípio, no nível teórico, o cuidado não se conecte a nenhum sistema econômico em particular, no caso da reprodução social, a conexão com o capitalismo é mais direta. A reprodução social (produção da vida) seria condição sine qua non para o capitalismo (produção do lucro). A partir da revisão do debate promovido pelos feminismos marxistas sobre as Teorias da Reprodução social, entende-se que as atividades, que constituem o trabalho reprodutivo, produzem a força de trabalho necessária para a produção do capital, de maneira que o lar se torna uma fábrica de trabalhadores e trabalhadoras. Embora o trabalho reprodutivo seja fundamental para a restauração da força de trabalho e, consequentemente, do funcionamento do capitalismo, ele recebe pouco ou nenhum reconhecimento social, sendo ocultado como parte do processo de produção (Bhattacharya, 2017; Federici, 2017; Vogel, 1983).

A despeito destas definições, consideramos que o dossiê não opera com definições unívocas de capitalismo, cuidado e reprodução social. Entendemos que isto não é necessariamente um problema, dado que o tráfico de conceitos e teorias feministas, como nos lembra Claudia Costa (1998), é útil para situar o conhecimento, especialmente quando o trânsito teórico leva a pensar conceitos criados em outros contextos sociais, políticos e econômicos. Daí a diversidade de pontos de vista e objetos empíricos abordados neste conjunto de textos.

A crise do cuidado, por exemplo, aparece por vezes no discurso público como uma crise de falta de mão de obra, em que há mais demanda do que oferta de cuidado, seja em sua modalidade não paga, quanto em sua modalidade paga e por vezes situada como um problema da globalização, com a migração de mulheres em direção aos países mais ricos para trabalhar como babás, cuidadoras e faxineiras, por exemplo (Hochschild, 2003). Às vezes, a especificidade deste conflito é situada como uma modalidade da crise entre trabalho produtivo e reprodutivo no capitalismo financeirizado (Fraser, 2017). Em outros momentos, o neoliberalismo também é mencionado como disparador da crise, em um processo de declínio do Estado de bem-estar social e adoção da austeridade que caracterizaria uma retração do Estado como provedor de cuidados, especialmente no Norte Global. Nessa vertente, por vezes, observa-se a solidificação de uma relação estreita entre cuidado e democracia, onde se argumenta que, se uma está em déficit, a outra também está. De

forma que centralizar o trabalho de cuidado no debate democrático pode nos fornecer instrumentos e estratégias eficazes na luta contra o neoliberalismo (Tronto, 2013; 2017). Outra pergunta relevante é que forma assume essa crise no Sul Global ou de que formas podemos percebê-la entre nós: a narrativa sobre a crescente mercantilização dos serviços de cuidado advindas do neoliberalismo, especialmente após o fim dos anos 1970, por exemplo, precisa ser matizada, já que no Brasil, o trabalho doméstico remunerado – e, portanto, a mercantilização do cuidado – sempre foi significativo (Ávila; Ferreira, 2020). Em relação à reprodução social, há um relevante debate teórico-político entre feministas marxistas (Lise Vogel, Tithi Bhattacharya e Cinzia Arruzza) e feministas marxistas-autonomistas (Silvia Federici, Maria Dalla Costa e Selma James). No entanto, ambas as correntes compartilham uma afinidade fundamental: consideram a reprodução social como uma etapa necessária para a produção capitalista (Ruas, 2019; Mezzadri, 2019; Varela, 2023). São muitas as questões que impulsionaram a montagem deste dossiê. Obviamente, os textos não fornecem respostas definitivas para elas, mas ampliam nosso olhar.

A ampliação teórica e conceitual, no entanto, não é de todo caótica. Ancoramos, é relevante mencionar, as reflexões que animam este dossiê em duas balizas principais. A primeira é a de que os feminismos desempenham um papel crucial ao questionar a noção de "sujeito" e os conhecimentos considerados universais na produção acadêmica. Ao propor uma expansão do conhecimento para além do viés androcêntrico, evidencia a cegueira de gênero presente nas categorias, conceitos teóricos e análises tradicionais. As críticas epistemológicas feministas defendem a necessidade de combater essa cegueira, ao questionar paradigmas estabelecidos e propor uma abordagem que amplie, reavalie e reinterprete os debates no campo científico (Harding, 1987; Keller, 2006). As reflexões da crítica feminista têm contribuído significativamente para interpretações e debates essenciais na Sociologia, abordando questões como o trabalho e as relações sociais no capitalismo.

A segunda é a de que as reflexões feministas de inspiração marxista examinam a crise do capitalismo a partir da interação entre os campos produtivo e reprodutivo. Assim, oferecem uma contribuição ímpar ao conectar a atual crise do capitalismo à crise da reprodução social e à crise do cuidado – advertindo sempre que as feições desta crise são múltiplas. Lembremo-nos que em “O Capital” (1867 [2013]), Marx defende que a força de trabalho é a “mercadoria especial” que faz o capitalismo se reproduzir. Durante muito tempo, apenas o trabalho produtivo, que frequentemente é entendido como o único que produz valor, foi visto como aquele que importa à acumulação ilimitada de capital. No entanto, por causa do trabalho desenvolvido por feministas marxistas, o trabalho reprodutivo tem ganhado centralidade nas análises do funcionamento do capitalismo.

Nesse contexto, o campo da teoria feminista marxista levanta uma questão: quais são os processos que possibilitam a existência e manutenção dessa "mercadoria especial" tão importante para a produção capitalista?

Essas balizas funcionam como pontos de orientação, mas, como será possível ver no dossiê, deixam margem para múltiplas compreensões dos fenômenos aqui analisados. Visando fazer coro ao esforço acadêmico de dar visibilidade a esse trabalho frequentemente percebido como invisível, este dossiê apresenta produções que organizam reflexões teóricas e análises de pesquisas empíricas que exploram diferentes contextos de entrecruzamento entre a crise da reprodução social, a crise do cuidado e a crise do capitalismo.

O primeiro artigo deste dossiê, "A Reprodução Social nas Periferias do Capitalismo Global", escrito por Mirian Kussumi, analisa como o Sul Global é caracterizado por diferentes processos de reprodução social em comparação com o Norte Global e suas dinâmicas específicas. Nesse cenário, destaca-se o ideal do homem provedor e mulher dona de casa, difundido pelo Capitalismo e que é contestado pela autora ao considerar a existência de mulheres negras e homens negros que não fazem parte dessa realidade produtiva e cujas performances de gênero não estão enquadradas nesse ideial normativo, sendo esse o fio condutor de seu argumento. Ao reconhecer semelhanças entre os Estados Unidos e o Brasil, no que concerne à realização de trabalho reprodutivo remunerado realizado pelas mulheres negras, Kussumi argumenta que as mulheres, no Brasil, não foram incorporadas às fábricas, o que provocou a necessidade de buscar outros espaços para realização de trabalho. O que se destaca nesse fato é que os espaços encontrados pelas mulheres negras brasileiras são caracterizados pelo exercício da reprodução social, como é o caso do trabalho doméstico.

Não seria incorreto afirmar que o trabalho doméstico é uma herança histórica do passado de colonização no Brasil. Tendo isso em vista, Kussumi nos mostra como a prevalência desse tipo de trabalho não pode ser caracterizada simplesmente como um resquício de um sistema patriarcal remanescente. Isso porque, na verdade, ele é expressão do próprio sistema capitalista periférico. A partir dessa constatação, é possível identificar diferentes formas de reprodução social em função dos diferentes tipos de capitalismo, a saber, o do centro e o da periferia. Deixando de lado a ideia de um sistema dual, destaca-se o esforço que Kussumi faz para apresentar a integração entre o capitalismo, a ordem de gênero e a ordem racial. Seu trabalho ajuda a lançar luz para o fato de que o sistema capitalista não opera de forma homogênea, sendo seus efeitos produzidos diferencialmente. Como afirmam Nancy Fraser e Rahel Jaeggi (2020), o capitalismo possui uma lógica específica, no entanto, sua história se manifesta conforme as condições sócio-históricas características dos lugares em que é adotado, pressuposto reforçado pelo trabalho desenvolvido por Kussumi.

Mesmo com suas particularidades nos processos de reprodução social, do Norte ao Sul Global, prevalece a ideia de que o trabalho doméstico e de cuidado realizado pelas mulheres no âmbito familiar deve ser feito de forma não remunerada, em nome do amor à família e/ou de um chamado da natureza feminina. Essa compreensão social sobre o trabalho doméstico e de cuidado permeia todo o dossiê. Ao desafiar essa ideia, o artigo "Quem cuida de quem cuida? Casos sobre remuneração do trabalho reprodutivo das mães e a crise do cuidado pós-Covid-19", de Renata Garcia Senlle, revisita o debate do movimento *Wages For Housework* (Salários para o Trabalho Doméstico)[1], originado no feminismo marxista-autonomista da década de 1970, que demandava salário ao Estado para a realização do trabalho doméstico e de cuidado no seu âmbito familiar (Federici, 1975 [2019]). O artigo de Senlle traz novos contornos a esse debate ao apresentar quatro casos contemporâneos de mulheres de diferentes países que demandaram quantias monetárias pelo trabalho de cuidado que realizaram ou iriam realizar dentro de suas famílias e uma ordem de despejo contra seus filhos adultos. Os casos analisados pela autora ocorreram entre 2017 e 2023, nos quais mulheres reivindicaram indenização de seu marido, ex-marido ou filhos pelo trabalho de cuidado realizado ou que seria realizado para garantir o desenvolvimento saudável dos filhos. Além disso, o artigo aborda um caso em que uma mãe obteve na justiça uma ordem de despejo contra seus filhos adultos, que ainda moravam com ela sem dividir as tarefas domésticas e contribuir financeiramente para a manutenção da casa, contando com os cuidados integrais da mãe, mesmo com condições financeiras para uma vida independente.

A autora analisa esses casos a partir da Teoria da Reprodução Social (TRS), destacando a importância do trabalho de cuidado para o funcionamento da sociedade. Senlle discute a condição das mulheres mães e cuidadoras, cujo trabalho é frequentemente invisibilizado e não remunerado, utilizando a perspectiva da TRS, que amplia a definição de trabalho e de classe trabalhadora ao incluir o trabalho reprodutivo nessas categorias. Os pedidos de indenização e de ordem de despejo desafiaram o discurso de que esses trabalhos devem ser pagos na "moeda do amor". Senlle enfatiza que essa posição é particularmente relevante, considerando que o restauro pessoal dos trabalhadores e trabalhadoras é indispensável para o funcionamento do capitalismo, mas que, historicamente, o capitalismo relega cada vez mais a reprodução social ao âmbito individual-familiar, utilizando o discurso da "vocação natural" das mulheres para o cuidado. A autora destaca que essa ideologia atribui às mães uma responsabilidade eterna pelo cuidado das suas famílias e afirma que isso ocorre: "sem remuneração, sem descanso e abdicando de suas próprias realizações pessoais e/ou

[1] Nesse movimento, o salário pago pelo Estado assumia uma dimensão política, pois visava visibilizar a importância dessas atividades para a sociedade capitalista e desafiar a noção de que elas são atributos naturais das mulheres (Federici, 2019 [1975]).

profissionais."

Contudo, Senlle contribui para o debate ao alertar para o risco de que a reparação financeira no âmbito privado despolitize a questão da sobrecarga das mulheres com o trabalho doméstico e de cuidado. Além disso, as soluções demonstradas nesses casos são restritas a uma determinada condição econômica familiar. Essas soluções beneficiam apenas um pequeno grupo de mulheres e não responsabilizam o Estado capitalista pela produção e regeneração da força de trabalho. Esses casos demonstram não apenas uma solução individual para um problema estrutural, mas também a persistência da divisão sexual do trabalho. O artigo coloca em relevo que, embora os casos tragam à tona a consciência das mulheres sobre a importância do trabalho reprodutivo e os ônus que elas sofrem com a sobrecarga desse trabalho, a carga do trabalho do cuidado apenas sobre as mulheres persiste. Nesse sentido, a autora argumenta que a compensação financeira não assegura a redistribuição do cuidado nem desafia a feminilização do trabalho reprodutivo. Senlle coloca em diálogo a análise desses casos com a crise da Covid-19, que evidenciou de forma mais explícita que todos precisamos de cuidado em algum momento da vida. Com isso, expõe a necessidade de cuidar de quem cuida, mas sua contribuição demonstra que é necessário fazer isso de uma forma que tensione e desafie as estruturas de divisão sexual do trabalho no regime capitalista. Para isso, é essencial promover políticas públicas de proteção social associadas a uma socialização desgenerificada do cuidado.

Mesmo com algum nível de reparação, o ato de cuidar do outro, como demonstrado no artigo de Senlle, historicamente foi desempenhado por mulheres. Tal cenário é fortemente baseado em um discurso de uma vocação natural feminina para o cuidado, ou seja, mesmo quando é percebido como trabalho, ele não é visto como uma atividade que requer qualificação. Isso nos leva a questionar como essas características do trabalho de cuidado repercutem quando são oferecidas no mercado de trabalho. Ana Luisa Campos Moro e Adolfo Pizzinato, no artigo "Negociações dialógicas nas identidades das cuidadoras: uma reflexão sobre o trabalho de *quase*", abordam essa questão a partir dos debates crescentes em torno do cuidado de pessoas idosas, em um contexto de envelhecimento populacional e a tendência de crescimento contínuo da profissão de cuidadora, considerada uma das ocupações que mais cresceu no Brasil nas últimas décadas. Com base nesse cenário, os autores investigam as identidades profissionais construídas e reconstruídas nesse campo, a partir de entrevistas abertas realizadas na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Adotando a perspectiva de um *self* dialógico, que pressupõe subjetividades múltiplas em constante negociação mediada pelas práticas e interações sociais, os autores apontam que as fronteiras tênues entre o trabalho de cuidado remunerado, o trabalho doméstico e as profissões na

área de saúde, especialmente a enfermagem, produzem borramentos nas identidades das cuidadoras. Essas profissionais não ocupam uma identidade profissional fixa, transitando por diversas ocupações, nas quais suas subjetividades se constroem em torno do "quase". Muitas cuidadoras desempenham tarefas domésticas, sendo *quase* trabalhadoras domésticas; possuem conhecimento técnico associado à área de enfermagem, sendo *quase* profissionais de saúde; e, além disso, o trabalho de cuidado envolve afetos em relação à pessoa cuidada, ultrapassando uma relação meramente profissional e técnica e criando vínculos com a pessoa idosa e a família contratante. De forma que, muitas vezes, as cuidadoras se percebem como quase membros da família. No artigo, os autores argumentam que essas tessituras impactam a construção subjetiva da cuidadora de idosos, que é constantemente tensionada, pois, ao ser quase profissional de saúde, quase trabalhadora doméstica e quase membro da família, elas se encontram em disputas e tensões para delimitar suas identidades. Moro e Pizzinato enfatizam que, diante da falta de regulamentação profissional da categoria e da ausência de limites claros sobre as responsabilidades das cuidadoras, as participantes entrevistadas buscam constantemente construir e reconstruir suas identidades profissionais.

É esperado que as mulheres ocupem trabalhos que estejam circunscritos à esfera doméstica, tendo em vista que a oposição público e privado assume, marcadamente, uma oposição de gênero: homens trabalham na rua e as mulheres trabalham em casa. Nesse sentido, a ocupação do espaço público por parte das mulheres envolve um conjunto de conflitos e disputas que dizem respeito à presença do próprio corpo e às atividades, comportamentos e expressões que as mulheres assumem nesse lugar. É a partir desse panorama que o artigo "As Mulheres entre a folia, o trabalho e a cidade: a ocupação do espaço público por trabalhadoras do carnaval de rua carioca", de autoria de Ana Clara Vega Martinez Veras Ferreira, apresenta a atuação de mulheres feministas no carnaval de rua carioca.

Como pano de fundo desse fenômeno, temos os seguintes elementos: 1) o espaço público como lugar marcado por dinâmicas de classe, raça e gênero, desse modo, o carnaval se insere em uma manifestação de estrutura de exploração e opressão mais amplas; 2) a expulsão das mulheres do espaço público através dos processo de cercamento, bem descritos por Silvia Federici (2017); e 3) a exploração do potencial econômico do carnaval de rua carioca, sobretudo a partir do governo de Eduardo Paes, em 2009, expressa através do patrocínio de empresas como Ambev. Tais elementos, juntos, convergem para um cenário no qual a presença das mulheres no espaço público não ocorre de forma acessível e sem disputas.

Embora possa parecer democrático, tendo em vista a participação de pessoas de diferentes origens, o carnaval de rua ainda reproduz características das estruturas sociais, sendo uma delas a

responsabilização das mulheres pelos processos de reprodução social que são cristalizados através da própria organização da festa. A autora demonstra que, além da própria ocupação das mulheres no espaço público ser envolvida de conflito, elas precisam lidar também com os efeitos do neoliberalismo percebidos através de ações do governo de Eduardo Paes, que visam domesticar o carnaval de rua carioca. Ferreira nos lembra que, para que a festa seja realizada, é necessário que tenha trabalhadoras e trabalhadores se empenhando nessa atividade. Nesse sentido, a atuação das mulheres no carnaval de rua carioca representa, antes de tudo, uma reivindicação do direito à cidade. Através de entrevistas realizadas com mulheres responsáveis por organizar a festa, a autora não apenas mostra as situações de machismo pelas quais elas passam, que ocorrem, sobretudo, pela quebra de expectativa das mulheres ocuparem tal posição, mas também apresenta as redes de articulação sociopolítica lideradas por mulheres feministas que têm transformado essa festa de rua, reivindicando a ocupação segura do espaço público por mulheres.

Fechando este dossiê, temos uma resenha, feita por Georgia Paula Martins Faust, do livro "Care: Highest Stage of Capitalism" (2023), escrito pela historiadora Predmilla Nadasen. Nesta obra, Nadasen argumenta que, no contexto do neoliberalismo, o cuidado, uma necessidade humana essencial, se transforma cada vez mais em uma fonte de lucro e acumulação de capital. A resenha de Faust apresenta sua relevância sobretudo porque a autora do referido livro ainda não possui nenhuma obra traduzida no Brasil. Nesse sentido, esse texto pode ser porta de entrada para novas perspectivas e debates para pesquisadoras e pesquisadores brasileiros no campo das ciências sociais de forma ampla e no campo dos estudos feministas sobre reprodução social e cuidado de forma específica.

Por fim, os artigos e a resenha reunidos neste dossiê oferecem contextos teóricos e empíricos que nos mobilizam a refletir sobre o entrelaçamento entre crises do cuidado, da reprodução social e do capitalismo. Apesar de a produção se ancorar na reprodução, a economia capitalista oculta ou deprecia essas atividades, e o funcionamento da produção de acumulação ilimitada desestabiliza o próprio processo de reprodução necessário para a manutenção desse sistema. Nas palavras de Nancy Fraser (2017, p. 24), trata-se de uma "separação-cum-dependência-cum-negação"[2].

Os textos aqui presentes visibilizam as mulheres enquanto trabalhadoras em contextos onde desempenham atividades domésticas e de cuidado, de forma remunerada ou não remunerada. Autoras e autores nos estimulam a reconhecer a crise do capitalismo como parte de um todo social amplo, no qual processos de produção se co-produzem com processos de reprodução em relações sociais contraditórias. Esperamos que a leitura do dossiê possa contribuir para os debates sobre a

[2] Tradução livre realizada pelas autoras.

crise do cuidado, a crise da reprodução e a crise do capitalismo. Sabemos que um dossiê não esgota os temas, mas os provoca, de maneira que desejamos que ele suscite novos debates e nos mova para um lugar em que a crise do capitalismo não se limite ao espaço da produção. Do mesmo modo, reivindicamos também que a crise do cuidado e da reprodução não sejam tomados apenas como de interesse às mulheres, porque os estudos feministas, através dos seus debates, mostram que seus temas abrangem toda a sociedade. Afinal, as discussões feministas sobre o trabalho doméstico e de cuidado transformaram não apenas todo o campo marxista, como também reformularam a própria categoria "trabalho". Em suma, para a própria reorganização e transformação das relações sociais de produção e reprodução, é fundamental que todas e todos estejam envolvidos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Anna Bárbara. Da ética do cuidado à interseccionalidade: caminhos e desafios para a compreensão do trabalho de cuidado. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 23, n. 3, p. 43–69, 2018.

ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica. Trabalho doméstico remunerado: contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil. *Psicologia & Sociedade,* vol. 32, pp.1-13, 2020.

BHATTACHARYA, Tithi. How Not to Skip Class: Social Reproduction of Labor and the Global Working Class. In: Bhattacharya, Tithi (org). *Social Reproduction Theory. Remapping Class, Recentering Oppression.* London: Pluto Press, pp. 68-93,2017.

COLOMBI, Ana Paula; MORAES, Lívia de Cássia Godoi. Financeirização, trabalho e gênero no Brasil contemporâneo: austeridade fiscal e flexibilização laboral. *Revista Estudos do Sul Global*, v. 2, n. 2, 2023.

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 127–140, 2013.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.* Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. [1975]. Salários contra o trabalho doméstico. In: Federici, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo, 2019.

FRASER, Nancy. Crisis of Care? on the Social-Reproductive Contradictions of Contemporary Feminism. In: Bhattacharya, Tithi (ed). *Social Reproduction Theory: remapping class, recentering opression.* London: Pluto Press, pp. 21-36, 2017.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica.* São Paulo: Boitempo, 2020.

GLENN, Evelyn Nakano. Creating a care society. *Contemporary Sociology*, Washington, 29 (1), pp. 84-94, 2000

HARDING, Sandra. Is there a Feminist Method? In: Harding, Sandra (ed.). *Feminism & Methodology.* Bloomington: Indiana University Press, pp. 1-14, 1987.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Love and Gold. In: Ehrenreich, Barbara; Hochschild, Arlie Russel (ed). *Global Woman: nanies, maids and sex workers.* New York: Metropolitan Books, Henry Holt and Company, pp. 15-30, 2002.

KELLER, Evelyn Qual foi o Impacto do Feminismo na Ciência? *Cadernos Pagu,* 27, pp.19-50, 2006.

MARX, Karl [1867]. *O Capital: crítica da economia política,* Livro 1: o processo de produção de Capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MEZZADRI, Alessandra On the value of social reproduction: Informal labour, the majority world and the need for inclusive theories and politics. *Radical Philosophy*, 2 (4). pp. 33-41, 2019.

RUAS, Rhaysa. *Unidade, diversidade, totalidade:* a Teoria da Reprodução Social e seus contrastes. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

TRONTO, Joan. *Caring Democracy: Markets, Equality and Justice.* New York and London. New York University Press, 2013.

TRONTO, Joan. There is an Alternative: Homines Curans and the Limits of Neoliberalism. International Journal of Care and Caring, n. 1, pp. 27-43, 2017.

VARELA, Lacerda. Reprodução social em disputa: um debate entre autonomistas e marxistas. *Revista Marx e o marxismo,* v. 11, n.21, 2023.

VOGEL, Lise. *Marxism and the Oppression of Women*: Toward a Unitary Theory. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 1983.

Licença e Direitos:

Este trabalho está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution 4.0 International License.**